

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

JAIRO ALVES LEITE
RONIVALDO PEREIRA ALVES

**FOTO GARCEZ:
USO DA FOTOGRAFIA COMO RECURSO
PEDAGÓGICO PARA O CURSO DE HISTÓRIA.**

ANÁPOLIS – Go

2014

JAIRO ALVES LEITE
RONIVALDO PEREIRA ALVES

FOTO GARCEZ:
USO DA FOTOGRAFIA COMO RECURSO
PEDAGÓGICO PARA O CURSO DE HISTÓRIA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade Católica de Anápolis, Instituto Superior de Educação, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Docência Universitária.

Orientador: Prof^o Mestre Artur Vandrê Pitanga

ANÁPOLIS – Go.

2014

JAIRO ALVES LEITE
RONIVALDO PEREIRA ALVES

FOTO GARCEZ:
USO DA FOTOGRAFIA COMO RECURSO
PEDAGÓGICO PARA O CURSO DE HISTÓRIA.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado á banca examinadora da Faculdade Católica de Anápolis como requisito parcial à conclusão do curso Pós-Graduação em Docência Universitária, sob a orientação do Professor Mestre Artur Vandrê Pitanga.

Aprovada em ____ de setembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mestre Artur Vandrê Pitanga

Orientador

Professor(a)

Professor(a)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, pelo dom da vida e por ter nos ungido todos os dias dessa caminhada. Aos nossos pais. As nossas esposas e filhos, por ter compreendido as ausências. E a todas as pessoas que pelas orações e pensamentos positivos nos ajudaram a alcançar nossos objetivos.

A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos.

Marcus Tullius Cicero

105 a.C. – 43 a.C.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo central apresentar a produção fotográfica de Francisco Garcez Chiquito (Chiquito Garcez) referente à cidade de Anápolis-Go, entre os anos de 1940 e 1960 para uso pedagógico no curso de História. Embora não lembrado e estudado, como fotógrafo de paisagem urbana, Chiquito Garcez é possuidor de uma das mais interessantes coleções de fotografias urbanas da cidade de Anápolis no meio do século XX. As imagens por ele retratadas atestam sua grande preocupação em registrar o contexto urbano e com a ampla gama de tipos arquitetônicos que compunham a cena Anapolina da época. A análise desta produção fotográfica de Garcez oferece uma via de acesso privilegiada para a compreensão do cenário urbano da cidade. A escolha desse fotógrafo se justifica, antes de tudo, pela grandeza do material por ele deixado, que pode ser aferida tanto pela qualidade técnica e artística das fotos, como também pelo seu volume. Garcez deixou um importante acervo que possibilita as mais variadas abordagens e interpretações, o que possibilita futuros trabalhos das mais variadas áreas do conhecimento. Fundamentalmente sobre as suas paisagens urbanas, objeto de interesse deste trabalho. As fotografias de Chiquito Garcez, em geral, se inserem num novo bloco de produções imagéticas do século XX em Goiás, que a partir de 1930 com o surgimento de vários ateliês fotográficos em Anápolis. A produção de Garcez, no entanto, se diferencia daquela do período, voltada, sobretudo para o registro das elites, principalmente pelo fato de retratar os mais variados aspectos urbanos da cidade; por isso seus registros impõem uma reflexão a respeito da arquitetura goiana da época. Assim esperamos que o referido material fotográfico produzido por Francisco Garcez Chiquito em Anápolis, Goiás, apresentado nesse trabalho possa receber maior atenção pelos acadêmicos de História.

Palavras-chave: Produção fotográfica, imagens, fotógrafo, urbano.

ABSTRACT

The present work aims to present the photographic production of Francisco Garcez Chiquito (Chiquito Garcez) for the city of Anápolis-Go, between the years 1940 and 1960 for pedagogical use in the course of history. Although not remembered and studied as a photographer of urban landscape, Chiquito Garcez is owned of one of the most interesting collections of urban photographs of the city of Anápolis in the middle of the twentieth century. The images portrayed by him attest to his great concern in the urban and register with the wide range of architectural types that composed the scene of Anápolistime context. The analysis of this photographic production Garcez offers via privileged access to understanding the urban landscape of the city. The choice of this photographer is justified, first of all, by the greatness of material he left, which can be measured by both the technical and artistic quality of the photos, but also by its volume. Garcez left an important collection that provides the most diverse approaches and interpretations, which enables future work from different fields of knowledge. Fundamentally on their urban landscapes, object of interest of this work. The photographs of Chiquito Garcez, in general, are part of a new block of imagistic productions of the twentieth century in Goiás, which since 1930 with the emergence of various photographic workshops in Anápolis. The production Garcez, however, differs from that of the period focused mainly for recording high society, mainly because depict various aspects of urban city; so your records impose a reflection on architecture from Goiás on that time. Thus we expect that the photographic material produced by Francisco Garcez Chiquito in Anápolis, Goiás, presented in this paper can get more attention by scholars of history.

Keywords: Production photo, images, photographer, urban.

Lista de Figuras

Figura 1 Foto de Francisco Garcez Chiquito (Frente).....	14
Figura 2 Foto de Francisco Garcez Chiquito (Perfil).....	14
Figura 3 Foto feita pelo próprio fotografo Francisco Garcez Chiquito	16
Figura 4 Propaganda: “Alfaiataria Mineira, Chiquito Garcez” (1929).....	17
Figura 5 Jornal “O OPERÁRIO”(1933).....	17
Figura 6 Propaganda FOTOGRAFIA ORION (1933).....	18
Figura 7 Propaganda FOTOGRAFIA ORION (1933).....	18
Figura 8 Propaganda Foto Garcêz (1948).....	18
Figura 9 Foto cartão, Anápolis tem só encantamentos, FOTO GARCEZ.....	20
Figura 10 Paróquia Senhor Bom Jesus da Lapa.....	21
Figura 11 Avenida Rio Branco Esquina com 15 de Dezembro.....	22
Figura 12 Residência da Família Jonas Duarte.....	23
Figura 13 Praça ou Jardim da Estação – Anápolis.....	23
Figura 14 Praça ou Jardim da Estação – Anápolis.....	23
Figura 15 Foto publicada do edifício GoiazBanc (1948).....	24
Figura 16 Edifício GoiazBanc(1948).....	24
Figura 17 Foto publicada da antiga Rua Antônio Carlos (1948).....	25
Figura 18 Antiga Rua Antônio Carlos (1948).....	25
Figura 19 Foto publicada de Outro aspecto da rua Antônio Carlos (1948).....	26
Figura 20 Outro aspecto da rua Antônio Carlos (1948).....	26
Figura 21 Foto publicada da Estação Ferroviária de Anápolis (1948).....	27
Figura 22 Estação Ferroviária de Anápolis (1948).....	27

SUMÁRIO

1 Introdução.....	9
2 Ensino Superior.....	11
3 Coleção: Foto Garcez.....	12
3.1 O Fotógrafo: Francisco Garcez Chiquito	14
3.1.1 Recortes de Jornal.....	17
3.1.2 O uso da fotografia em sala de aula.....	20
3.1.3 Fotografia e reprodução.....	21
4 Conclusão.....	29
4.1 Referências.....	32

1 Introdução

Com evolução dos seres humanos, o homem desenvolveu técnicas, deixando registros antiquíssimos, desde as primeiras pinturas rupestres. E com o passar dos tempos novas técnicas de representação da vida humana e o seu meio foram criadas e desenvolvidas. A imagem acompanha a vida humana desde os seus primeiros meses de vida, pois é através da contemplação de imagens que a criança passa a se reconhecer, a forjar sua identidade, posteriormente o imaginário e substituído pelo simbolismo onde passa a diferenciar as coisas e objetos a partir da observação do mundo a sua volta.

A primeira fotografia foi feita em 1826, pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, no entanto. o desenvolvimento da fotografia não pode ser atribuído apenas a uma pessoa. Diversas descobertas ao longo do tempo foram somadas para que fosse possível desenvolver a fotografia como é conhecida hoje. No Brasil D. Pedro II, em 1840 se transformou no primeiro fotógrafo do país.

O ato de fotografar acabou se constituindo não só numa arte como também em uma nova forma de se ver o mundo, “a invenção da fotografia representou a criação de um poderoso instrumento para a exploração visual do espaço e a apreensão do tempo vivido” (TURAZZI, 2005, p. 4).

Dois tipos de representações foram rapidamente apropriados pelo ato de fotografar:

- O privado com o objetivo de retratar o cotidiano das pessoas: festas, casamentos, famílias, atividades diárias de lazer ou de trabalho;
- É oficial com o objetivo de retratar as realizações dos governantes, tendo uma conotação ideológica.

Atualmente a fotografia é usada pela imprensa como uma importante ferramenta, cujo objetivo é despertar a curiosidade dos leitores sobre determinado assunto, sendo hoje fundamental, para primeiro convidar a leitura e num segundo momento reforçar a mensagem contida no texto. Frequentemente ouvimos um ditado popular: “uma imagem vale mais do que

mil palavras”, por isso torna-se um desafio para o observador em desenvolver a capacidade de ver e entender a imagem com um olhar crítico e de profundidade, buscando as várias linguagens da foto, seja como documento, como representação ou como lembrança de uma época.

A fotografia se constitui assim numa forma de expressão de desejos, de aspirações, ou seja, objeto comum de todas as pessoas que tem a necessidade de mostrar em imagens a sua história, suas realizações. Fotos que se perpetuam de geração a geração ajudando a contar histórias das pessoas, das cidades e do próprio desenvolvimento da cultura.

A fotografia como prova documental de um determinado acontecimento passou a ser vista como “o olho da história” assim juntamente com o positivismo cria o mito da observação objetiva. Novamente a fotografia assume o papel como parceira de reconstruir o passado através do surgimento da *Escola de Annales* e a valorização pelo estudo do cotidiano do privado na micro história.

Assim a fotografia oferece um campo fértil de análise tanto para a história como para outras ciências, constituindo-se num desafio a todos os envolvidos com as ciências sociais e humanas que utilizarem-se deste documento como fonte para suas pesquisas.

Sendo assim esta pesquisa teve por objetivo apresentar a produção fotográfica de Francisco Garcez Chiquito (Chiquito Garcez) referente à cidade de Anápolis-Go, entre os anos de 1940 e 1960 para uso pedagógico no curso de História. Esta foi realizada por meio de levantamento bibliográfico de artigos atualizados para fundamentar o estudo de caso, de cunho indutivo, com entrevistas a familiares, doações de fotos e resgate da memória de um homem a frente de seu tempo, Sr. Francisco Garcez e sua dedicação à fotografia nos idos de 1940 sobre a cidade de Anápolis – Go, formando um importante acervo fotográfico sobre a esta cidade.

Ficou evidente que esse resgate contribuiu positivamente para que docentes de diferentes níveis da escola básica usem a fotografia como meio real, dinâmico e eficiente no processo de ensino-aprendizagem.

2 Ensino Superior

O ensino superior no Brasil é oferecido por universidades, centros universitários, faculdades, institutos superiores e centros de educação tecnológica. O cidadão pode optar por três tipos de graduação: bacharelado, licenciatura e formação tecnológica. E os cursos de pós-graduação são divididos entre *lato sensu* (especializações e MBAs) e *strictu sensu* (mestrados e doutorados).

No curso superior inclui normalmente estudos, investigação, trabalhos práticos e, ocasionalmente, atividades sociais realizadas no âmbito da instituição de ensino superior. Especificamente nos estudos, os mesmos incluem tanto os de nível de graduação como os de nível de pós-graduação. Este último nível normalmente é realizado apenas por alunos que buscam maiores qualificações e que pretendem aprofundar os seus estudos e a sua proficiência para lá do que seria necessário para o simples exercício profissional.

Nesta pesquisa elege-se, o curso de Licenciatura em História por formar um profissional, cujo foco principal é o exercício do magistério no Ensino Fundamental e Médio, de modo a compreender criticamente História, por ser capaz de estabelecer relações efetivas entre a realidade histórica e as realidades sociocultural e econômica, inseridas em um contexto local, regional e global. Deve também atuar ativamente na pesquisa histórica e nas atividades de difusão do conhecimento histórico. Além do exercício do magistério, ele também está apto para atuar em Museus Históricos, Institutos de Patrimônio Histórico ou nos diversos organismos de preservação do patrimônio histórico e cultural.

Entre motivos expostos aqui pressupõe, que o historiador possui a competência de leitura do conteúdo e da mensagem concedida pela fotografia, que juntamente com outros tipos de texto de caráter verbal e não verbal, compõe a textualidade de um determinado contexto histórico. A fotografia se constitui então, um importante instrumento pedagógico no processo de ensino – aprendizagem em que o docente e discente são seres

ativos e preponderantes na contextualização do tema por meio da imagem de época em busca de uma compreensão que faça real sentido na concepção imaginária do discente. Segundo Amorim (2001,p.02) “A utilização de uma metodologia do ensino de história pelo uso didático de imagens, a partir de leituras e das interpretações dos sinais, aparentes e subjacentes, que um determinado quadro imagético apresenta. Este tipo de ação possibilitará ao aluno a construção do processo de síntese histórica.”

2.1 Coleção: Foto Garcez

Os temas registrados nas fotografias de Francisco Garcez Chiquito (FOTO GARCEZ) atravessaram décadas e hoje são vistas por milhares de pessoas em lugares desconhecidos principalmente pelo auxílio da internet. Construções, natureza, sombras, raios de luzes, pessoas, como as crianças, que hoje com mais de oitenta anos se mantiveram crianças por meio da imagem.

Para Kossoy, a fotografia é a memória que se transforma em fonte de emoção e informação através do registro visível do fotógrafo torna-se um objeto cristalizado de uma ínfima porção de espaço como também a paralisação súbita dos ponteiros do relógio.

A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo processo, somente a fotografia sobrevive, algumas vezes em seu artefato original, outras vezes apenas o registro visual reproduzido. (Kossoy p. 156)

O uso das fotografias da coleção FOTO GARCEZ no curso de História contribui com o estudo da imagem e assim refletir sobre a dimensão histórica e as possibilidades efetivas de serem usadas na composição de certo conhecimento sobre o passado. Suas fotos estão congeladas, imortalizadas, e como cenário será objeto de investigação para historiadores, jornalistas e

arquitetos. No caso das fotografias urbanas, permitem observar o passado trazendo para o presente uma visão construída pelo fotógrafo passando pelas transformações ocorridas num determinado espaço através do tempo, isto é, o espaço é construído pelo olhar fotográfico por meio do enquadramento, que seleciona os limites contidos em um espaço maior existente.

Para o historiador, o quadro fotográfico interessa como possibilidade de alcançar um extra quadro (COSTA, 2001), composto de elementos espaciais excluídos da imagem fotográfica. Essa proximidade com a cena que deu origem à fotografia aponta ao historiador do urbano a perspectiva de partir de um recorte preciso e chegar a, uma configuração maior que, à primeira vista, não fazia parte da imagem, mas que pode ser projetada para além dela.

Com base nestas considerações, o desenvolvimento de nossa pesquisa levou em conta o acervo fotográfico FOTO GARCÊZ, jornais e bibliografia referentes à história local existente no Museu Histórico de Anápolis “Aldérico Borges de Carvalho” – MHABC, como também documentos cartorários e acervos particulares pertencentes a descendentes e amigos do fotógrafo, dentre outros. Além disso, buscamos vários estudos históricos já realizados no Brasil, principalmente a partir dos anos de 1990, que tomam a fotografia como objeto de investigação.

Segundo Dubois (1993, p. 61), a fotografia se distingue de outros sistemas de representação como a pintura e o desenho (dos ícones), bem como dos sistemas propriamente linguísticos (dos símbolos) enquanto se aparenta muito com o dos signos como a fumaça (índice do fogo), a sombra (alcance), a poeira (depósito do tempo) e as ruínas (vestígios de algo que esteve ali).

2.2 O fotógrafo: Francisco Garcez Chiquito

Figuras 01 e 02 - Francisco Garcez Chiquito, frente e perfil.



Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho” e acervo do autor.

Francisco Garcez Chiquito, natural Minas Gerais, filho de Francisco Ferreira da Silva e Maria Garcez do Nascimento, casou-se com Raimunda Garcez da Silva, no dia 17 de janeiro 1921, na cidade Anápolis - Go, ele com 21, ela com 17 anos de idade, tiveram onze filhos: Maria Conceição, Carlos, Carmem, Celina, Cosette, Selma, Sônia, Geraldo, João, Francisco Antônio, Maria Dalva e vários netos.

Ainda na década de 1920 Chiquito Garcez foi proprietário da “Alfaiataria Mineira” situada na Av. Goyaz onde trabalhou como alfaiate por vários anos, costumava divulgar no primeiro jornal da cidade seus trabalhos com a seguinte propaganda: *Talho elegante, confecção esmerada, preços baratíssimos – Ver para crer!*

No início dos anos de 1930 juntamente com outras pessoas criaram a “União Popular”, sociedade beneficente e de levantamento moral das classes

trabalhadoras do município sendo ele presidente desta associação. Foi fundador e professor da Escola União Operária. No jornal "O Operário" (1933), quinzenário defensor das classes populares e órgão da União Popular, foi diretor e fundador.

Na década de 1940 começou a trabalhar como fotógrafo e em seu ateliê Foto Garcez com sede na Rua 15 de dezembro nº 89, onde comercializava coleções fotográficas de vistas de Anápolis, fotos de artistas de cinema e rádio, quadros de futebol, além de fotografar diversas situações ocorridas na cidade e região. Por tudo isso torna-se bastante conhecido por desenvolver um excelente trabalho fotográfico.

Em 15 de outubro de 1956 foi eleita à primeira diretoria do Grupo de Escoteiros Tiradentes e no dia 22 de dezembro do mesmo ano foi dada a posse a mesma, que ficou assim constituída: Comissário Distrital, Plínio A. Gonzaga Jayme; Presidente, Francisco Garcez Chiquito; Chefe Geral, Cyd Torres; Chefe das Bandeiras, Leila Fayad Hanna; Chefe Aquilá, Salua Fayad Hanna. Também em 1956 foi criada uma comissão para cuidar dos festejos do cinquentenário da cidade de Anápolis da qual fez parte.

Em 1957 criou a urna cinquentenária (1907-1957), que foi enterrada na Praça Bom Jesus, referente às comemorações dos 50 anos da cidade, sendo tal urna foi aberta cinquenta anos depois, por ocasião dos festejos do centenário comemorado no dia 31 julho de 2007.

No ano de 1961, separa-se de sua esposa Raimunda. Então, muda-se para Alexânia (Go), onde em um segundo relacionamento com Anísia de Sousa teve mais três filhos: Carlos, Marcos e Lúcia Helena. Lá trabalhou como contador, participa da maçonaria, contribuiu com o desenvolvimento daquele município, inclusive uma praça da cidade recebe o seu nome. Chiquito Garcez, faleceu em 4 de maio de 1979.

Em conversa com o amigo e historiador Tauny Mendes falamos sobre Chiquito Garcez e o mesmo relembra que na parte térrea do prédio da Rádio Carajá, à entrada, os transeuntes paravam para ver as fotos que o Garcez colocava nos painéis de vidros (idênticos aos que os cinemas montavam para

exibir os cartazes dos filmes!). Ele postava fotos dos mais diversos gêneros: pessoas caminhando nas ruas e praças, vistas da cidade, acontecimentos sociais, personalidades daqui. Certa vez um funcionário da Empresa de Luz e força de Anápolis, morreu eletrocutado. O Garcez tirou fotos dele emaranhado nos fios (fotos branco e preto). Coisa horrível. Esse fato abalou a cidade. Naqueles tempos, as fotos que apareciam nos jornais de então (A Imprensa, O Anápolis, etc.) era transformadas em clichês, feitos em São Paulo. Não apareciam muito bem, a qualidade não era boa. Assim, o Garcez registrou cenas que emocionam até hoje. As suas fotos podem ser encontradas no Museu Histórico.

O Garcez era grandão, alegre, voz boa, falava alto. Era um tipo. Um tipo inesquecível. Gozava ele da estima das pessoas ricas e pobres de Anápolis.

Figura3 - Registrada pelo próprio fotógrafo Francisco Garcez Chiquito.



Fonte: Acervo do autor.

3 – Recortes de Jornal

Figura 4 - Propaganda: “Alfaiataria Mineira de Chiquito Garcez” Jornal Correio de Annapolis, 10 de março de 1929. Foi o primeiro jornal de Anápolis, começando a circular no dia 10 de março de 1929. Era o órgão oficial da municipalidade, fundado e dirigido pelo Intendente Municipal Adalberto Pereira da Silva, e gerenciado por seu irmão, o guarda-livros Nicéforo Pereira.



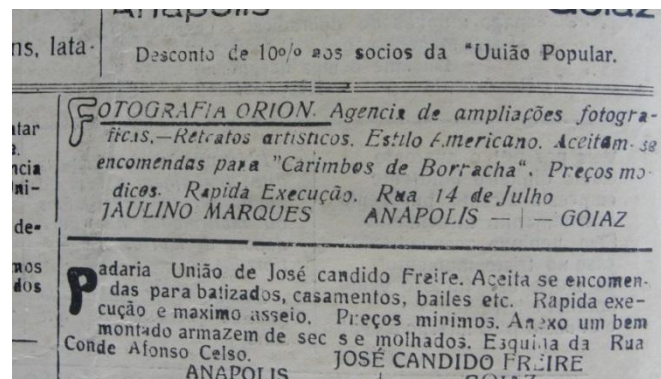
Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”.

Figura 5 - Jornal “O OPERÁRIO”, 05 de março de 1933, ano I nº 2, capa. O jornal O Operário circulou em 1933 e era direcionado aos trabalhadores. Seu proprietário e editor, Francisco Garcez Chiquito identificava-se com o pensamento marxista, portanto pregava a existência da luta de classes. Esse jornal tinha como lema: “Igualdade, justiça e fraternidade e Operários ajudemos uns aos outros”.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”

Figura 6 - Propaganda FOTOGRAFIA ORION, em seu Jornal "O Operário", 05 de março de 1933.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho"

Figura 7 - Propaganda FOTOGRAFIA ORION, em seu Jornal "O Operário".



Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho"

Figura 8 – Propaganda Foto Garcêz, Jornal Tribuna Estudantil, 28 de setembro de 1948.



Fonte: Acervo Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho"

3.1O uso da fotografia em sala de aula

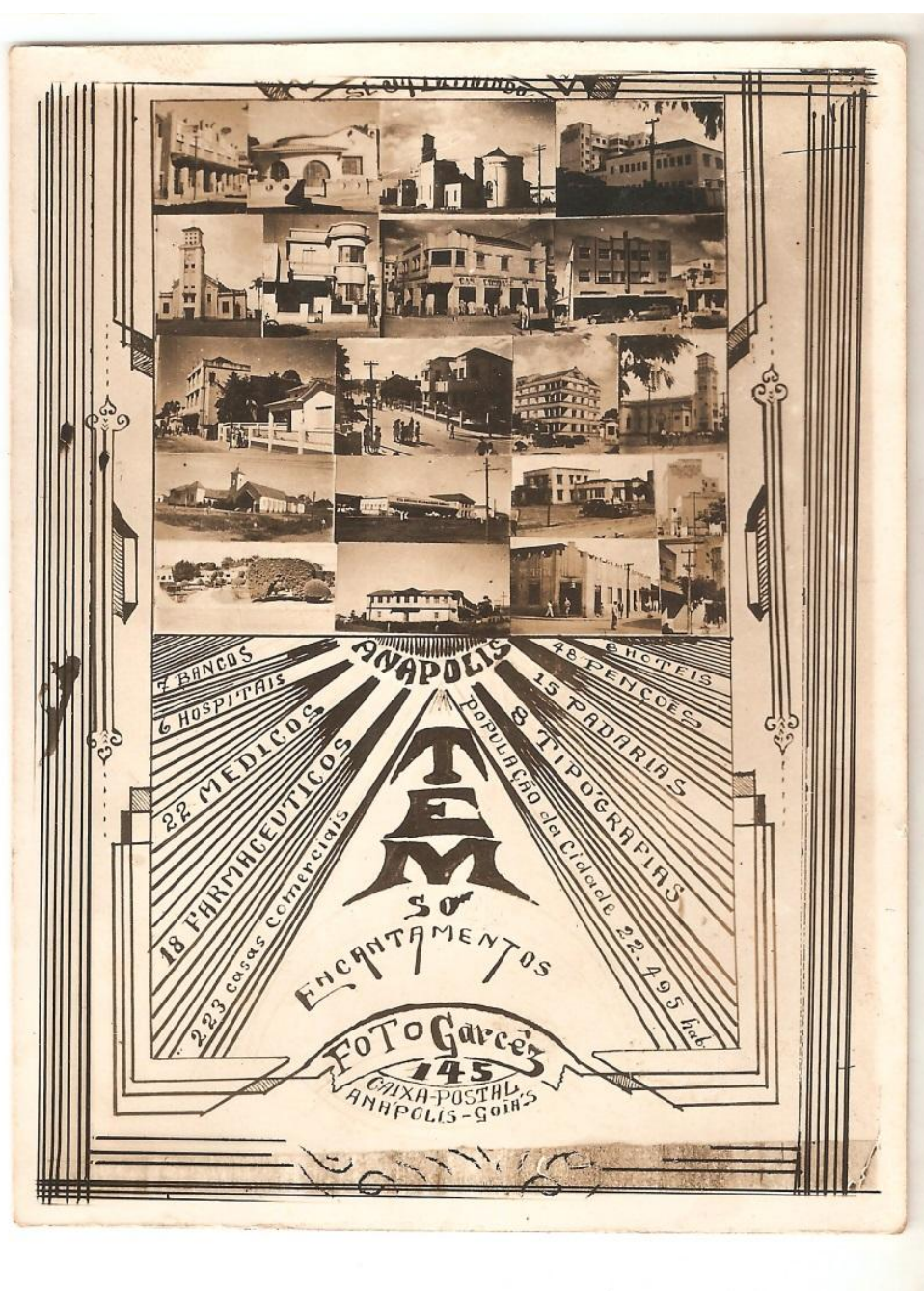
É necessário unir o código verbal/escrito com o das imagens, assim os alunos poderão ter mais subsídios para compreensão do que estão analisando, não mais como meros admiradores de uma imagem, e sim como agentes aptos a interpretar e produzir conhecimento acerca do que estão olhando.

Desta forma ao se falar de fotografia e o seu uso em sala de aula, principalmente na disciplina de História é necessário compreender o que ela representa enquanto produção humana, fonte documental e as suas possíveis análises, bem como suas limitações. A partir deste entendimento é que podemos estabelecer critérios e análises sobre a forma de se utilizar este documento, enquanto, ao contrário do que é hoje mera ilustração, em fonte de apreensão, compreensão e produção de conhecimentos, aliando-se a imagem ao texto escrito na busca do conhecimento histórico.

Desta forma, o uso da fotografia como instrumento pedagógico contribui para esclarecer e reforçar os conteúdos apresentados, permitindo inclusive uma identificação mais precisa daquilo que é mostrado, fornecendo, por vezes, referentes situacionais não suscetíveis de serem decodificados só pela análise da imagem.

3.2 Fotografia e publicação

Figura 9 - Foto cartão “Seja bem vindo, Anápolis tem só encantamentos, FOTO GARCEZ, caixa postal 145, Anápolis Goiás – 7 bancos, 6 hospitais, 22 médicos, 18 farmacêuticos, 223 casas comerciais, 8 hotéis, 48 pensões, 15 padarias, 8 tipografias e população da cidade 22.495 habitantes”.



Fonte: Acervo da Catedral Bom Jesus da Lapa, Anápolis-Go.

Figura 10 - Paróquia Senhor Bom Jesus da Lapa, no início do século XX, viveu em Anápolis uma baiana negra, Maria Tereza de Jesus (Terezona), lavadeira de roupas, sendo um de seus patrões o ex-intendente municipal Américo Borges de Carvalho. Ela trouxe uma estampa do Senhor Bom Jesus da Lapa introduzindo aqui a devoção ao filho de Deus. Ano após ano, os devotos foram aumentando, os leilões se avolumando acarretando o crescimento da arrecadação monetária. Percebendo o este crescimento, o então Vigário da Paróquia de Santana, Pe. Henrique Isquardo Oliver acampou a festa de Bom Jesus, atraindo-a para a Igreja Matriz, 1913. A construção da capela do Bom Jesus teve início em 1914, sendo que a primeira festa ali realizada teve lugar em 1916. Em 26 de abril de 1935 o Arcebispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira cria a Paróquia do Bom Jesus, seu primeiro Pároco foi o Pe. João Olímpio Pitaluga (1935-1948 e 1956-1966).



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho".

Figura 11 - Avenida Rio Branco Esquina com 15 de Dezembro, desde o início do século XX a Rua Barão do Rio Branco destaca-se por abrigar importantes lojas comerciais bancos dentre outros estabelecimentos, como também a Rua 15 de dezembro, esta homenageia a data de emancipação política da Villa de Sant'Anna das Antas, fato ocorrido em 15 de dezembro de 1887.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho".

Figura 12 - Residência da Família Jonas Duarte, Rua 15 – Dezembro – Esquina R. Barão do Rio Branco. Jonas Ferreira Alves Duarte (1908-1983) com apenas 23 anos veio para Anápolis com a missão de fundar uma filial das Casas Pernambucanas, entre 1931 a 1947 foi um homem de múltiplas atividades foi presidente do Clube Lútero Recreativo Anapolino, quando a entidade construiu uma sede espetacular, que infelizmente anos mais tarde outras diretorias destruíram o magnífico prédio. Criou e ajudou a criar indústrias de laticínios, frigorífico, Banco Imobiliário Mercantil do Oeste Brasileiro S/A, concessionária de veículos. Como político foi vice-governador na gestão de Pedro Ludovico Teixeira. Jonas Duarte antes de assumir o governo do estado em definitivo em 1955, já havia substituído o governo em duas situações, ao todo governou o estado aproximadamente por um ano. Eleito prefeito de Anápolis em 1960 tomou posse no dia 1º de fevereiro de 1961. Em 31 de maio daquele ano inaugurou a Santa Casa de Misericórdia de Anápolis, no Bairro Jundiáí cujo terreno foi doado por Jonas Duarte, uma vez que foi ele o idealizador e quem implantou aquele setor nobre na cidade. Em seu mandato a cidade recebeu vários benefícios.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”.

Figura 13 e 14 - Praça ou Jardim da Estação – Anápolis. Este local nos tempos da Villa de Sant’Anna das Antas abrigou um cemitério, em meados da década de 1920o Campo Santo foi transferido para o cemitério São Miguel. E no local do antigo cemitério foi criado um Jardim Público, atualmente denomina-se Praça Americano do Brasil.



Fonte: Acervo do autor.

As fotografias de Chiquito Garcez como destaque visual no Jornal “O Anápolis” de 1948, representa um importante suporte para a análise histórica do município de Anápolis daquela época. Referindo-se à importância das

fotografias e suas paisagens urbanas retratadas, Burke (2004, p. 103) diz que “[...] a evidência visual é particularmente importante para o enfoque da história urbana”. Fotos urbanas podem apresentar detalhes da arquitetura e urbanismo de uma determinada época: casas, igrejas, prédios, estações, alpendres, praças, traçados das ruas, tipo de calçamento, portais, vitrais, janelas e muros, dentre outros.

Paisagens urbanas retratadas em fotografias despertam a curiosidade do leitor, uma vez que lhe fornecem uma visão antecipada do texto. A imagem produz no olhar uma leitura específica daquilo que revela. Para Borges:

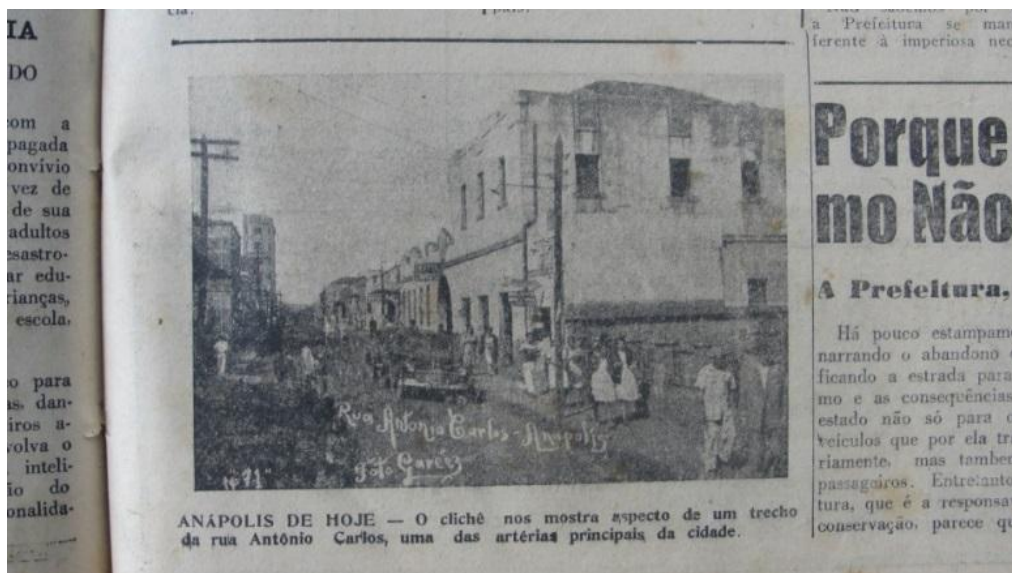
A fotografia não deve ser considerada um documento neutro, pois cria novas formas de documentar a vida em sociedade. Mais que a palavra escrita, o desenho e a pintura, a pretensa objetividade da imagem fotográfica veiculada nos jornais não apenas informam o leitor sobre datas, localização nome de pessoas envolvidas nos acontecimentos sobre as transformações do tempo curto, como também cria verdades a partir de fantasias do imaginário. (2005, p. 69).

Figuras 15 e 16 - Foto publicada do edifício GoiazBanc, Jornal “O Anápolis” 12 de setembro de 1948, e da foto original. *Aspecto do edifício Goiazbanc cujo ultimo andar funciona os trabalhos do Rotary Club de Anápolis*



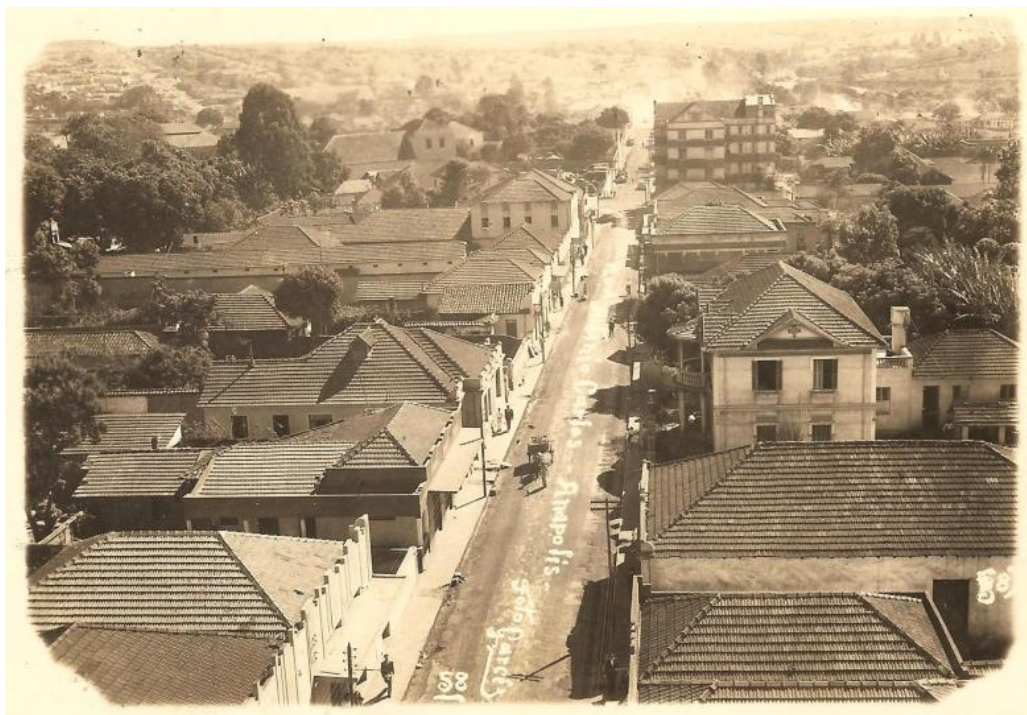
Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”.

Figuras 17 e 18 - Foto publicada da antiga Rua Antônio Carlos atualmente Rua Manoel D'Abadia, Jornal "O Anápolis" e da foto original, 19 de setembro de 1948 e foto original. ANÁPOLIS DE HOJE – O clichê nos mostra aspecto de um trecho da rua Antônio Carlos, uma das artérias principais da cidade.



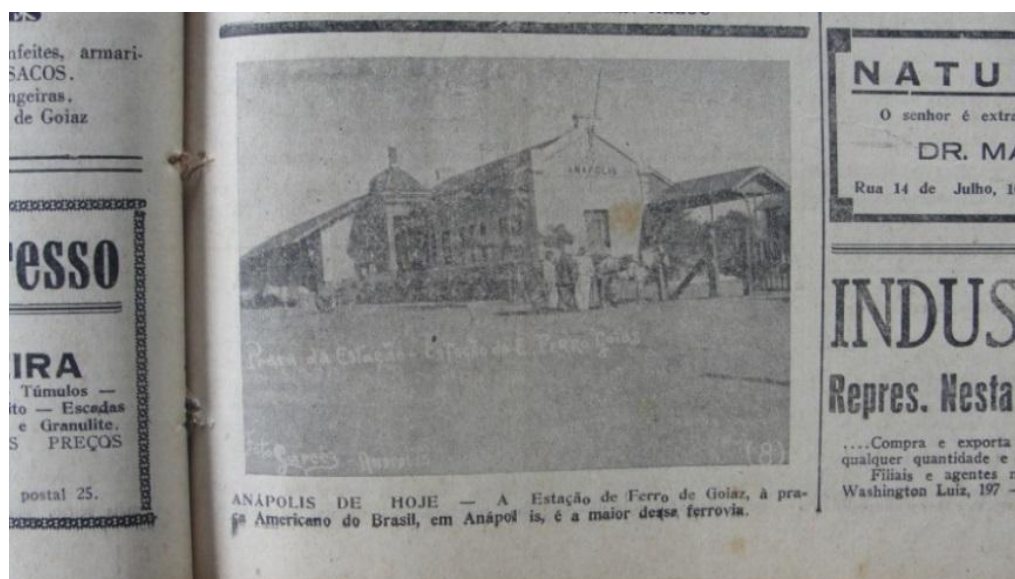
Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho".

Figuras 19 e 20 - Foto publicada da rua Antônio Carlos – Anápolis, atualmente Rua Manoel D'Abadia, Jornal O Anápolis, 26 de setembro de 1948 e foto original. **ANÁPOLIS DE HOJE – Outro aspecto da rua Antônio Carlos. Ao fim da gravura longe está o bairro populoso que se formou além dos trilhos da E. de F. de Goiás, ou seja aproveitando o quilometro um, da rodovia para a CANG, e que tomou o nome de avenida Tiradentes.**



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”.

Figuras 21 e 22 - Foto publicada da Estação Ferroviária de Anápolis, Estrada de Ferro Goiás-EFG, Jornal O Anápolis, 07 de outubro de 1948. *ANÁPOLIS DE HOJE – A Estação de Ferro de Goiás, a praça Americano do Brasil, em Anápolis, é a maior dessa ferrovia.*



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Anápolis "Alderico Borges de Carvalho".

4 - CONCLUSÃO

Através desta pesquisa procurou-se demonstrar o que é a fotografia, o seu uso e o emprego da mesma como importante instrumento pedagógico para o ensino da História. Pelo que se constatou a fotografia deve ser utilizada pelos professores em sala de aula como fonte de conhecimento, porém para tal é necessário o fornecimento de dados, que possibilitem aos discentes a apreensão do que as imagens informam.

Assim a fotografia se constitui uma excelente fonte de informação e até de motivação, para que os discentes se percebam também como capazes de produzir o conhecimento, fugindo dos rituais básicos do ensino de História, que se promoveu durante anos e ainda encontra-se como metodologia de ensino como: “Decorar” nomes, datas, fatos e acontecimentos, a fim de uma avaliação ou um futuro processo seletivo.

Cabe ao professor lançar mão de uma série de instrumentos pedagógicos, que ao mesmo tempo motivem os alunos estudarem e se identificarem em um determinado contexto deste mundo massificado e globalizando que fazemos parte, como seres pensantes e produtores de conhecimento e de história.

A fotografia por ser o documento básico, presente na vida de todas as pessoas, afinal todos as têm entre seus guardados, ao mesmo tempo em que resgata um conhecimento já esquecido. Assim pode-se proporcionar ao discente o conhecimento de sua história familiar enquanto pessoa, também pode ser trabalhada pelos professores as fotografias mais gerais como de ruas, imóveis, meios de transporte, atividades econômicas, enfim toda a gama de fotos que possam ao mesmo tempo em que motiva ainda despertar neles à curiosidade e interesse em encontrar respostas para as imagens que observam.

A este respeito usou-se várias pesquisas, que partem desta mesma lógica sobre as fotografias. Em Amorim e Turazzi, os quais também se baseiam seus estudos no uso das imagens como fonte para a história, que pretende

inclusive sugerir uma proposta metodológica para o ensino de História e também de um modo bastante didático, demonstra de forma prática como se utilizar a fotografia em sala de aula, bem reforçado em Amorim (2001, p.2)

“...ao lhe permitir uma reflexão sobre o acontecimento histórico, ou seja – seu tempo, seu lugar, seus atores sociais, as ideologias presentes, seus aspectos materiais e seus modos de vida, as tramas sociais, reflexão esta motivada a partir do contato com a imagem analisada, e que lhe desperta interesses de outras naturezas, além da histórica. Reflexão que o leva para uma apreensão e entendimento desse conhecimento histórico como um processo histórico mais amplo, bem como possibilitará relacioná-la às problemáticas atuais, a partir das comparações pelas mudanças ocorridas entre o passado e o presente das imagens, sempre considerando o patamar de compreensão do aluno, dos seus graus de escolaridade.”

Cabe, portanto aos professores de História o desafio de buscar uma metodologia própria, para que possa utilizar não só a fotografia, mas todas as formas de imagens, como as pinturas e a própria imagem televisiva e de cinema, afinal, diariamente são produzidas milhares de imagens sobre o mundo todo, divulgadas especialmente pelos jornais, estações de televisão, *sites* da *internet* e redes sociais, o que fica destas imagens para o nosso aluno? Qual o preparo que ele tem para refletir sobre a imagem e extrair dela um conhecimento?

Acredita-se que é a partir da análise das fotos particulares domésticas, comum em nos pertences pessoais, onde o aluno poderá reconhecer a sua família, os laços afetivos, sociais, econômicos e políticos, entender que a sua família e por extensão a sua vida esta inserida dentro da história e como tal ele é um agente histórico e a sua ação neste processo é decisiva principalmente para a sua vida, enquanto cidadão.

Após a análise das fotos familiares o professor de história deve partir para uma maior generalização, com fotos da rua onde o aluno mora, do bairro, da cidade, do município, abrindo cada vez mais o leque de possibilidades.

Usando fotos “antigas” e fotos recentes, demonstrando ao aluno a evolução espaço temporal, das sociedades. Promovendo em primeiro lugar a observação e depois análise do aluno para que reflita e apreenda melhor o processo histórico possibilitando assim a interação com este processo,

buscando condições de aprendizagem e conhecimento que o auxiliem no seu próprio processo histórico.

Certamente estes trabalhos e outros muitos que poderiam ser encontrados demonstram metodologias de uso da fotografia, desta forma termos certeza de que está mais do que provado a importância das mesmas não só para a disciplina de História, mas para outros campos do saber acadêmico e escolar, cursos superiores: Jornalismo, Arquitetura e disciplinas como: Geografia, Artes, Filosofia, Sociologia, Ciências Biológicas, dentre outras que podem se apropriar do trabalho imagético.

Os desafios são vários como demonstramos no início deste trabalho, refletindo sobre a fotografia, do que ela representa das dificuldades em sua análise devido a sua não verbalização, dos perigos da manipulação da mesma enquanto propaganda política e ideológica, da visão errônea muitas vezes de que a fotografia é a imagem do real, da verdade absoluta; porém o que fica de toda esta reflexão é de que ela se constitui num importante documento histórico, que poderá e deve ser utilizado por todos, que se interessam pela sua análise como fonte de informação, de esclarecimento e de memória.

Neste caminho defende-se, que as imagens, notadamente a da fotografia exercem papel preponderante neste processo de apropriação e produção do conhecimento, pois é a partir delas que lançamos a curiosidade, o desafio para que os alunos busquem a verbalização das mesmas, motivando os alunos a se inserirem no processo de produção do conhecimento, além de serem motivadoras, as imagens também devem acompanhar todo o processo da aprendizagem, servindo até o final deste caminho como fontes de observação e análise do conhecimento, ao mesmo tempo em que possibilita aos alunos a desenvolver a capacidade de interpretar as informações que chegam até ele, como defende Turazzi (2005, p. 3) “aprender a observar e a interpretar uma imagem fotográfica é, também, aprender a ler nas entrelinhas”.

Como conclusão parcial deste trabalho, pôde-se compreender que a coleção FOTO GARCEZ de Francisco Garcez Chiquito foi e é um meio de comunicação visual que esteve e está presente no processo histórico de desenvolvimento da cidade.

5 – REFERÊNCIAS

Acervo do **Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”** – MHABC.

AMORIM, A. R. A. de. **As imagens e o ensino de História: uma proposta metodológica para o ensino da História**. Apresentado no IV Seminário do Ensino de História: Recife, abril de 2001.

BORGES, Humberto.C. **História de Anápolis**. Goiânia: Kelps, 2011.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CHARTIER, R. In: **Pós-História**. Assis – SP, v. 7 p. 11-30; 1999.

COSTA, R.C. **Visões da história: a fotografia como documento múltiplo**. Porto Alegre, 2001. 154 p. dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em história, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1993.

FERREIRA, Haydée. J. **Anápolis: sua vida seu povo**.2. Edição - Goiânia:Kelps, 2011.

FREITAS, R.A. **Anápolis: passado e presente**. Anápolis: Voga, 1995.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ática, 1989.

LEITE, M.L.M. **Retratos de Família: leitura fotográfica histórica**. São Paulo: EDUSP, 2001.

LOWENTHAL, D. **Como conhecemos o passado**. In: **Projeto História**: revista do programa de Estudos Pós-graduados em história e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 0 (1981), São Paulo: EDUSC, 1998.

KOSSY, B. **Fotografia & História: 2ª edição revista**, Ateliê Editorial, 2001.

MAUADM A.M. **O olho da história: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória**. Acervo-Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.6, n. 1-2, 1993, p. 25-40, jan. –dez.

POLONIAL, J.M. **Anápolis nos tempos da ferrovia**. Anápolis: AEE, 1996.

TURAZZI, M.I. **Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1889-1889)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

TURAZZI, M. I. **História e o ensino da fotografia**. São Paulo: Moderna, 2005. Projeto Araribá: informes e documentos.

CARDOSO, Oldimar. **Para uma definição de Didática da História**. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 28, n. 55, June 2008 .

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. *Teoria & Educação*. N. 2. Porto Alegre: Pannonica, 1990.

CERRI, Luis Fernando. **Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática**. *Revista de História Regional* 15(2): 264-278, Inverno, 2010.

CERRI, Luis Fernando. **Os Conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história**. *Revista de História Regional*, v. 6, n. 2, p. 93-112, 2001.

DIEHL, Astor Antônio. **A didática da história como teorização e como experiência**. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, Vol. 9, N. 2, p. 125-134, 2002.

RÜSEN, Jörn. **El desarrollo de la competencia narrativa del aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral**. Trad. Silvia Finocchio. *Propuesta Educativa*, Argentina, n 7. out. 1992.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. *Práxis Educativa*, Vol. 1, No 2, 2006.

SADDI, Rafael. **Didática da História como sub-disciplina da Ciência Histórica**. *Rev. História & Ensino*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010.

SADDI, Rafael. **O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada**. *Rev. Acta Scientiarum*, Maringá, v. 34, n. 2, p. 211-220, July-Dec., 2012.